

## Nas trilhas da história da comunicação: principais teorias e intersecções

Tarcyane Cajueiro Santos<sup>1</sup>

Já há algum tempo, inúmeros autores vêm destacando a dificuldade de se trabalhar o objeto da comunicação. Afinal, qual seria a especificidade da comunicação? Teria ela um objeto próprio, ou faria parte de sua característica abarcar todas as áreas teóricas? A comunicação deve estar especificamente voltada aos seus *meios* ou ela iria além da técnica e ensejando as diversas práticas sociais da qual faz parte? Estes questionamentos se tornam ainda mais pujantes quando, devido às novas tecnologias, vivemos a implosão de conceitos tradicionais da comunicação, como o emissor, o canal, a mensagem e o receptor, que durante anos serviram como guias de estudo e de pesquisa nesta área.<sup>2</sup>

A discussão aqui empreendida caminha no sentido de questionar a necessidade de um “local próprio” à comunicação, enquanto uma disciplina insular que seleciona uma única dimensão do real em detrimento de complexidade deste, assim como propor novas discussões, não inviabilizadoras de outros caminhos, outras intersecções, que por ventura apareçam. Sendo um conhecimento relativamente novo, que surge com a emergência de uma sociedade cujas características estão em constante processo de mudança e de impacto da técnica, não seria um dos traços da comunicação a fugacidade e a interdisciplinaridade de seu objeto? Mesmo concordando com Munis Sodré, para o qual a vinculação social (o laço atrativo) é o objeto da comunicação, não estaríamos ainda diante de um objeto de difícil apreensão, na medida em que, “o vínculo atravessa limites, atravessa o corpo, os sonhos, o psiquismo do sujeito”? (Idem, 2001).

A busca de “um olhar próprio” como pré-requisito de *status* acadêmico parece fazer parte do repertório epistemológico de ciências, cujas especificidades nascem no final do século XVIII e no início do século XIX. Ancoradas no mito da neutralidade científica

e da segmentação do saber, elas estão ligadas ao discurso moderno, que se ancora na ilusão da onipotência do homem sobre o meio, a natureza, a cultura e a técnica. Ao considerar-se detentoras de um aspecto da realidade, como por exemplo, o sociológico, o psicológico ou o econômico, estas disciplinas, pelo menos no seu início, basearam-se em uma visão mecanicista do mundo, que considerava o real como um todo cujas partes deveriam ser fragmentadas, para só assim, posteriormente, ser compreendido.

Este modelo que exerceu profunda influência na ciência moderna preserva a

“não-mudança, a ausência de história ou de desenvolvimentos complexos da vida do planeta e das sociedades, a tradição e a conservação, em que o presente seria sempre determinado pelo passado, o estável funcionaria como verdade de mudança” (Marcondes Filho, 1999:174).

A comunicação, por seu turno, parece pertencer a um outro momento. Vinda à tona por intermédio de uma nova fase da inovação técnica e científica, a comunicação não apenas se torna a utopia da segunda metade do século vinte, ocupando o antigo lugar de ciências como a sociologia,<sup>3</sup> como também aparece como a ciência ou o saber que sintetiza a passagem da “era do domínio da lógica da razão à da crise da razão” (Marcondes Filho, 1991: 15), levando consigo todo um manancial que caracteriza este momento. Seu percurso compreende um período de ampla renovação tecnológica, que desencadeou uma mutação técnica global com a aceleração do ritmo de vida e a redução das barreiras espaciais, assim como contínuas organizações sociais. Tais fatos levaram à substituição de uma sociedade disciplinar estruturada sobre a noção de dívida infinita e de dever absoluto, para uma sociedade de

controle, assente na informação, na estimulação das necessidades, no sexo, no culto da naturalidade, da cordialidade e do humor e no levar em conta os fatores humanos.<sup>4</sup> Contrariamente a uma visão que pensa que a comunicação não tem um objeto, porque ou ele é amplo ou estrito demais,<sup>5</sup> pressupomos que a sua riqueza deriva-se de seu caráter inexato e complexo. Nestes termos, a comunicação não apenas é um tipo de conhecimento específico, como também a sua especificidade é a de transbordar as fronteiras, o que condiz com as mais recentes descobertas científicas da física<sup>6</sup>.

O aparecimento e o desenvolvimento da ciência da comunicação fazem parte do caminhar de um século que viu surgir, ao lado das mais fantásticas invenções técnicas e descobertas científicas, as mais dolorosas e atrozes destruições humanas, como a primeira guerra e a segunda guerra mundiais, o aparecimento de armas potentes, entre outros acontecimentos que chocaram uma época. Esta imensa lista que exerceu um grande impacto em diversas sociedades ocidentais do século XX concorreu para frear as ilusões e os grandes sonhos de uma era moderna, ancorada “nos princípios filosóficos que haviam sido erguidos no começo do século XVII” (Marcondes Filho, 1997: 1).

Nascidos do período entre guerras, da dizimação dos homens por máquinas mais potentes, do aparecimento de regimes totalitários e de uma sociedade de massa, os estudos da comunicação aparecem em um ambiente mais dinâmico e incerto. Nesse sentido, o desenvolvimento da ciência quântica e relativista e, especificamente, de uma tecnologia cada dia mais comunicacional, acabaram por gerar, a partir da segunda metade do século XX, “a liquidação final das ideologias legitimadoras ou das ‘metanarrativas’ e por suprimir o respaldo que se baseava numa filosofia especulativa, num agir ético-político, passando a uma legitimação em si mesmo, segundo seus parâmetros” (Marcondes Filho, 1997: 6).

Como não poderia deixar de ser, as teorias da comunicação foram influenciadas por esses desfechos, abrindo espaço para que os seus estudos pudessem ter características cada vez mais interdisciplinares e menos objetivantes. Deste modo, a ilusão de onipotência, isto é,

a crença no sujeito como portador da história e da razão compreendida como cópia do real, desagrega-se. Contudo, a corrosão dos conceitos iluministas e da própria ciência moderna guiada pelo determinismo, pela causalidade e objetividade, não ocorre da noite para o dia.<sup>7</sup> Dela faz parte um longo movimento de autonomização da técnica, que leva o homem à periferia e marca a sua vida social, cultural e política por fenômenos comunicacionais e, posteriormente, informacionais, na medida em que estes se tornam cada vez mais presentes no seu cotidiano. Este processo que culmina com um novo modelo comunicacional, onde a técnica parece ocupar o lugar da comunicação humana interpessoal, brota sob os auspícios do projeto da modernidade<sup>8</sup> e consolida-se em uma sociedade fragmentada, regida pelo imperativo da velocidade. Pois, no momento em que o processo de racionalização sobre o qual se ancora a modernidade ocorre nas diversas esferas do tecido social, a sociedade passa a ser caracterizada como um conjunto desterritorializado de relações articuladas entre si, dando aos *media* um papel cada vez maior de cimentador social.

Isto leva a pensarmos a história das teorias da comunicação, assim como o seu momento atual a partir das visões de mundo propostas por Sfez, em seu livro, *crítica da comunicação*. Segundo este autor, o estudo da comunicação e a sua percepção pela sociedade compreendem três metáforas: a representação, a expressão e a confusão. Por meio delas podemos, *grosso modo* e com alguma limitação, distinguir os modelos teóricos, contextualizando-os, além de, a partir da reflexão daí derivada, propor questionamentos. Estas três visões de mundo da comunicação são pensadas neste artigo através do contexto social, histórico e cultural sobre o qual as escolas da comunicação se destacaram, bem como por meio do contexto científico e tecnológico a elas relacionado. Pressupomos que a partir daí é possível apontar qual o processo comunicativo que subentende cada escola. Encontraríamos, ao perfazer a curta história desta área, momentos do seu desabrochar como um tipo de conhecimento que inicialmente estaria aprisionado a outras disciplinas, tendo em seguida um posicionamento mais autônomo,

adquirindo uma certa especificidade. Este seria não o de um copilador, mas de um conhecimento que, dialogando com outras disciplinas, buscaria criar um novo olhar, uma nova perspectiva pautada pela busca da interdisciplinaridade. Historicamente, podemos apontar três períodos. Os anos 1920, com a expansão do rádio e do cinema nos países desenvolvidos; os anos do pós-guerra, com a discussão mais detalhada, com pesquisas científicas acerca dos efeitos sociais e políticos da expansão dos meios de comunicação de massa; e do fim do século, com o aparecimento de novas tecnologias de comunicação e desabamento das teorias defendidas nos anos do pós-guerra, gerando um clima de perplexidade e desnorreamento por parte dos pesquisadores.

Se voltarmos para os estudos comunicacionais, em um primeiro momento, uma perspectiva bastante simplista do processo comunicativo se conjuga ao que Lucien Sfez (1994) chama a visão de mundo representação, onde o homem domina a máquina e está com ela para os seus fins.

Na proeminência da razão e da dualidade cartesiana, que se baseia na distinção entre o corpo e o espírito, o sujeito e o objeto, a representação parte do esquema clássico da comunicação: o emissor, a mensagem e o receptor, com a dominação do primeiro e a passividade deste último. Conjuga-se a esta visão não somente a crença na ciência moderna como também a novidade do fenômeno da comunicação de massa e do aparecimento das experiências totalitárias que se coadunam com a tese de que “cada elemento do público é pessoal e diretamente atingido pela mensagem” (Wolf, 1999: 21).

Contemporânea de uma época em que os meios de comunicação de massa eram um fenômeno novo, assim como novo era o aparecimento de regimes totalitários que utilizavam estes meios, a primeira teoria da comunicação, a teoria hipodérmica, “defendia uma relação direta entre a exposição à mensagem e o comportamento” (Wolf: 1999:25). Ao considerar que o novo fenômeno da época, a massa, era uma organização social em que os indivíduos estariam isoladamente expostos às mensagens e separados entre si, esta teoria via a relação dos homens com os meios de comunicação como

baseadas na fórmula reduzida do estímulo-resposta.

Acresce-se à teoria hipodérmica, teorias de bases sociológica e psicológica, surgidas no pós-guerra, cujo enfoque prioriza questões como os efeitos, a manipulação, a persuasão, a formação de opinião, a influência dos meios de comunicação e da mudança de comportamentos. Tais estudos perpassam os anos 1930, 1940, 1950 e até mesmo 1960. Apesar de serem teorias distintas, abrangendo perspectivas marxistas, como por exemplo a teoria crítica e a teoria da dependência, assim como empírico-behavioristas e empírico-funcionalistas, elas têm um aspecto em comum: elegem o emissor como o principal expoente da comunicação. A importância conferida ao emissor é tão grande que mesmo descobrindo a existência de filtros entre este, a mensagem e o receptor, tais teorias ainda mantêm o esquema de causa e efeito presente na teoria hipodérmica, bem como no processo comunicativo da teoria da informação de Shannon e Weaver. Nas palavras de Sfez, neste modelo:

“A comunicação é a mensagem que um sujeito emissor envia a um sujeito receptor através de um canal. O conjunto é uma máquina cartesiana concebida com base no modelo de bola de bilhar, cujo andamento e impacto sobre o receptor são sempre calculáveis” (Sfez, 1994:65).

Apesar do seu posterior aprimoramento por meio do poder dado aos intermediários ou aos receptores, estas teorias, que se baseiam no sentido da representação, trabalham com o pressuposto de que o movimento (emissor-mensagem-receptor) permanece absolutamente íntegro de uma ponta a outra. Tal “como uma bola de bilhar que uma vez enviada atinge seu objetivo e é novamente reenviada com a conservação da plena integridade do movimento” (Sfez, 1994:16), os meios de comunicação traduziriam o mundo, enquanto a sua mensagem perseguiria o seu movimento teleológico sem perdas de seu conteúdo.

Contrastando com esta percepção cartesiana, o exprimir pressupõe uma “visão fenomenológica em que sujeitos e objetos

estão ligados” (Sfez, 1994:31). Esta perspectiva baseada na filosofia de Spinoza, defende que estamos no mundo, o fabricamos, assim como ele a nós. Aqui não existe sujeito separado do objeto, homem da máquina. Neste pensamento holístico em que o todo está na parte, que por sua vez está no todo, não existe mais preocupação com o envio e o recebimento íntegro da mensagem. “A figura desta segunda fórmula”, afirma Marcondes Filho, “é a criatura, e os signos produtivos como organismos, exprimem a natureza” (1991:16).

As teorias que se inserem nesta visão de mundo não se preocupam com a perda no movimento da bola de bilhar e das máquinas. Os processos comunicativos se dão em espiral, em um movimento perpétuo e inacabado. Pois a comunicação não é vista como um simples encaixe. Ela é inserção de um sujeito complexo em um ambiente igualmente complexo. Ambos em um estado de simbiose, na medida em que sujeito e ambiente são parceiros que praticam trocas incessantes. De acordo com Sfez: “Este modelo sustenta que a metáfora orgânica é um modelo lógico. Ele tem uma problemática própria. Não agimos mais *com* instrumentos com vista a comunicar. Comunicamos diretamente com todo o corpo dos homens e da natureza nas duas dimensões (sincrônica) e do vir-a-ser (diacrônica)”. (...) “A realidade do mundo não é mais objetiva, mas faz parte de mim mesmo” (Sfez, 1994:49;65).

Para Marcondes Filho, a semiologia, com a importância conferida à mensagem, é uma perspectiva de captação orgânica do processo comunicativo. Como não há mais sujeito e tampouco o contexto histórico determina a interpretação do texto, quem manda, o que manda, o que recebe, como recebe, seriam questões totalmente secundárias e sem grande relevância.

Nas palavras do autor:

“Esta nova forma de interpretação da comunicação encara que homens estão no mundo e devem a ele se adaptar. A linguagem precede os indivíduos e estes pouco interferem nos seus desdobramentos e no seu processo de desenvolvimento. Os meios de comunicação fazem parte do universo assim

como o universo está inserido nos meios de comunicação. Ele é sua expressão” (Marcondes Filho, 1991:43).

Sfez, por seu lado, chama atenção às pesquisas que dão importância ao receptor como o criador por meio do ruído das mensagens. Os fatores sociais, culturais e psicológicos do receptor apareciam aqui embevecidos pela atmosfera da expressão. Ao invés de separado do sujeito pela máquina, o receptor participaria do mesmo ambiente desta, ligando-se a ela e ao emissor por meio do movimento *autopoietico*. Afinal,

“essas máquinas, essas teorias, essas comunicações, esses ‘Outros’, somos nós que os sustentamos, fazem parte de nós” (Sfez, 1994:49).

Inserindo-se no rol de uma das pesquisas mais importantes da área de comunicação na América Latina, os estudos sobre recepção e comunicação, iniciados na década de 1980, configuram-se como um exemplo da expressão. Ao buscar os condicionantes do sujeito e das mediações que ultrapassam a noção de um determinismo entre o emissor e o receptor,<sup>9</sup> os estudos feitos por esta escola encontram no organismo a sua metáfora. Esta vertente busca reintegrar a cultura e a comunicação, em uma perspectiva em que a produção, o produto e a recepção estejam interligados.

Por conseguinte, a visão da confusão corresponderia, segundo Marcondes Filho, a uma nova teoria da comunicação, na medida em que o processo de reorganização do mundo promovido pelas novas tecnologias teria tornado os antigos conceitos completamente inviáveis. Nesta perspectiva, os modelos baseados na representação, com a metáfora da bola de bilhar, e na expressão, com a metáfora da criatura, corresponderiam a uma visão ultrapassada dos processos de comunicação. Segundo Marcondes Filho, no

“momento em que a comunicação inverte seu papel e perde o sentido de contato com o mundo, ponte e janela que liga indivíduos a fatos” (1991:45),

teríamos uma visão que faria sucumbir as visões anteriores, confundido-as, fundido-as.

Dada a importância e a autonomia que a técnica assumiu, sendo fomentadora do que a sociedade compreende como comunicação, a metáfora do Frankenstein é a que prevalece neste modelo. O Frankenstein, presente em uma comunicação cada vez mais tecnológica, encontra seus arautos nos teóricos da inteligência artificial e na ciência cognitiva. Aqui, espírito e tecnologia não são antagonicos, pois sendo o homem uma máquina pensante, “o espírito é construído como um programa” (Sfez, 1994:259)

Do ponto de vista dos *media* ocorre algo parecido: máquina e homem são confundidos. Nesse sentido, a televisão, exibindo um espetáculo que supõe uma distância entre o espectador e a cena, não deixa de nos incluir na própria cena, dando-nos a sensação de participarmos do calor e da emoção do evento. A distância geográfica intermediada pela tela catódica apresenta-se para nós como um dado insignificante e nenhum pouco artificial. Na frente da tevê nos entristecemos, choramos, nos alegamos. O acontecimento televisionado, que parece espontâneo, nos dá a sensação de participarmos dele, de o vivenciarmos como se realmente estivéssemos lá. Participamos realmente do evento transmitido pela televisão ou apenas o vemos? Se escolhermos a primeira alternativa, então, estamos no domínio do *em* da expressão, porque a ligação com os acontecimentos ocorre por meio da simbiose orgânica e direta entre o sujeito e o ambiente, entre o emissor e o receptor. Na segunda alternativa, por sua vez, estamos no domínio do *com* da representação, do emissor separado do receptor. Mas quando saímos desses esquemas confortantes e dicotômicos e assumimos que a sociedade disciplinar cedeu espaço para a sociedade de controle, com seus borramentos de fronteiras, então, nos deparamos com um contexto completamente diferente. Neste caso, tomar a expressão pela representação e confundir, como muitas vezes fazemos, o real pela ficção, quando por exemplo temos “a ilusão de estar ali, de ser aquilo, quando não há senão cortes e escolhas que antecedem o olhar” (Sfez, 1996:76), já vem sendo

pesquisado por teóricos da comunicação como Baudrillard e Virilio.

O modelo comunicacional que aqui prevalece, segundo Sfez, é o tautismo, misto de tautologia como única verificação: se repito, provo (tão freqüente em nosso noticiário cotidiano) e autismo, surdez, que conforme o autor é uma “doença do autofechamento em que o indivíduo não sente a necessidade de comunicar o seu pensamento a outrem nem de se adequar ao dos outros; seus únicos interesses são os da satisfação orgânica” (Sfez, 1996:78).

Exagerada ou “carregada de tintas” a análise da sociedade da comunicação feita por autores desta corrente, que dizem sermos todos prisioneiros da espiral comunicativa, envianos a um impasse. Pois ela amplia o problema das teorias da comunicação, que passam a se ocupar com um objeto excessivamente amplo, na medida em que na sociedade contemporânea amplificada pelas tecnologias tudo passa a ser comunicação e por este motivo nada mais parece sê-lo.

Este objeto se torna muito mais difícil e problemático por estarmos na sociedade da comunicação. Pensar a época em que vivemos é uma tarefa árdua, especialmente quando ela é movida pelo império da velocidade, da constante renovação tecnológica e da reinvenção de modos de vida e de crenças. Contudo, talvez esteja aí uma pista para podermos trabalhar teoricamente a comunicação e seu objeto indefinível sem que precisemos amputá-la. Nesta perspectiva, tal como o sentido, ela parece como um rastro, nos remetendo sempre a outras relações.<sup>10</sup>

Ela em si não diz nada, não aponta para nada. O seu sentido e objeto emergem dessas relações. Deste modo, a compreensão e o mapeamento da comunicação, de suas relações e manifestações pressupõe, assim pensamos, as diversas conexões que com ela são travadas. Isso porque, mais do que uma essência, a comunicação é um acontecimento, que está sempre se modificando e se antecipando, assim como o objeto maligno de Baudrillard,<sup>11</sup> ao nosso olhar e às nossas tentativas de aprisioná-lo e submetê-lo às prescrições teóricas e metodológicas.

**Bibliografia**

**Baudrillard**, Jean. *As estratégias fatais*. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

\_\_\_\_\_. *Tela total: mitonirias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre, Sulinas, 1999.

**Castells**, Manoel. *A sociedade em rede (a era da informação: economia, sociedade e cultura, v.1)*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

**Coletivo NTC**. *Pensar-pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. Coletivo NTC, São Paulo Ed. NTC, 1996.

**Deleuze**, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. Rio de Janeiro, ed. 34 Ltda, 2000.

**FRANÇA**. “Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?”. *Ciberlegenda*, Número 5, 2001.

**Giddens**, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

**Guattari**. “Da produção da subjetividade”. In: *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. PARENTE, André (org.). Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1996.

**Hardt**, François. “A sociedade mundial de controle”. In: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. ALLIEZ, Eric (org.). São Paulo, Ed. 34, 2000.

**Lipovetsky**, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Relógio D'Água, 1988.

**Marcondes Filho**, Ciro. *Sociedade Frankstein*. São Paulo, 1991, mimeo.

\_\_\_\_\_. *Sociedade tecnológica*. São Paulo, Scipione, 1994.

\_\_\_\_\_. *Superciber: a civilização místico-tecnológica do século 21: sobrevivência e ações possíveis: texto introdutório*. São Paulo: Ática/ECA-USP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Viagem na irrealidade da comunicação: o princípio da razão durante*. Cópia, 1999, mimeo.

\_\_\_\_\_. *Cenários do novo mundo*. São Paulo, Edições NTC, 1994.

**Nartins**, Carlos Benedito. *O que é sociologia*. São Paulo, ed. Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 1994.

**Ortiz**, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1998.

**Rosnay**, Joel de. “O salto do milênio”. In: *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. MARTINS, Francisco & MACHADO, Juremir (orgs.). Porto Alegre, Sulina/Edipucrs, 2000, pp.217-224.

**Sfez**, Lucien. *Crítica da comunicação*. São Paulo, Loyola, 1994.

**Sodré**, Muniz. “O objeto da comunicação é a vinculação social”. PCLA-Volume 3-número 1: outubro/novembro/dezembro, 2001. Disponível em: <http://www.umesp.com.br/unesco/PCLA/revista9/entrevista%209-1.htm>. Acesso em: 10 de nov. 2003.

**Souza**, Mauro Wilton de. “Recepção e comunicação: a busca do sujeito”. In: *Sujeito, o lado oculto do receptor*.

**Souza**, Mauro Wilton (org.). São Paulo, Brasiliense, 1995, 13-38.

**Turkle**, Sherry. “Fronteiras do Real e do Virtual”. In: *revista FAMECOS*. Porto Alegre, no. 11, dez. 1999, pp.117-123. *hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo, 1996.

**Virilio**, Paul. *A bomba informática*. São Paulo, Estação Liberdade, 1999.

\_\_\_\_\_. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.

**Wertheim**, Margaret. *Uma história do ciberespaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

**Wolf**, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa, Presença, 1999.

**Wolton**, Dominique. *Penser la communication*. Flammarion, Champs, 1997.

\_\_\_\_\_. *Internet et après? Une théorie critique des nouveaux médias*. Flammarion, Champs, 2000.

<sup>1</sup> ECA/USP.

<sup>2</sup> Marcondes Filho. *Cenários do novo mundo*. São Paulo, ed. NTC, 1998.

<sup>3</sup> Se a sociologia, enquanto um conhecimento científico, surge no século XIX; a ciência da comunicação, por sua vez, somente aparece na segunda metade do século XX. Apesar de distintas, ambas parecem perfilar o espírito destes séculos, apresentando não apenas pretensões científicas como também a formulação de visões



utópicas, por meio de suas teorias e projetos: seja, por exemplo, aquela da sociologia pautada pelo desejo de uma sociedade harmônica, através do trabalho como categoria-chave, ou aquela da comunicação, por meio da técnica e dos seus instrumentos. Mais especificamente, no que diz respeito à sociologia, Benedito afirma que ela "(...) é o resultado de uma tentativa de compreensão de situações sociais radicalmente novas, criadas pela então nascente sociedade capitalista. (...) Na verdade, a sociologia, desde o seu início sempre foi algo mais do que uma mera tentativa de reflexão sobre a sociedade moderna. Suas explicações sempre contiveram intenções práticas, um forte desejo de interferir no rumo desta civilização". Martins, Carlos Benedito. *O que é sociologia*. São Paulo, ed. Brasiliense, 1994 (Coleção Primeiros Passos).

<sup>4</sup> Para uma análise pormenorizada da ética das sociedades ocidentais contemporâneas vide: Lipovetsky. *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa, Publicações Don Quixote, 1994.

<sup>5</sup> França aponta esta discussão. Segundo a autora, o objeto da comunicação se, por um lado, erra por sua simplicidade e objetividade, restringindo-se à dimensão técnica e ao papel de suporte dos *media*, por outro, ele é amplo demais, não podendo, neste sentido, "ser tomado propriamente como um objeto de estudo definidor de uma área, mas como um aspecto central, uma característica e uma dimensão da sociedade contemporânea". França. "Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?". *Ciberlegenda*, Número 5, 2001.

<sup>6</sup> Desde o seu início, as ciências sociais e humanas têm sido influenciadas pelas descobertas da ciência física, que por sua vez dá suporte à epistemologia da ciência. Temos então "a relatividade desbancando a mecânica newtoniana de espaço e tempo absolutos, a teoria quântica relativizando a controlabilidade das mensurações e o caos questionando a previsibilidade". Estas teorias "constituem parâmetros de um novo tem-

po, com novos atores, novas regras, uma nova organização mental e social". Marcondes Filho. *Superciber: a civilização místico-tecnológica do século 21*. São Paulo, NTC, 1997, p.12.

<sup>7</sup> Ainda hoje a crença nestes princípios continua presente. É como se mesmo cristalizada ou morta esta visão de mundo ainda produzisse efeitos. A este respeito veja Coletivo NTC. *Pensar-pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. Coletivo NTC, São Paulo Ed. NTC, 1996.

<sup>8</sup> A modernidade, enquanto uma organização social, que corresponde a um estilo de vida e propicia o desenlace do projeto civilizatório, inaugura uma nova maneira de conceber o homem, repercutindo sobre as relações sociais. Esse novo modo de vida, cuja característica principal é a de ser emulada por um conjunto de descontinuidades que descentram o homem, traz consigo a produção de estilos diferentes das instituições sociais tradicionais. Sobre este assunto veja: Anthony Giddens. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, UNESP, 1991.

<sup>9</sup> Mauro Wilton de Sousa. "Recepção e comunicação: a busca do sujeito". In: *Sujeito, o lado oculto do receptor*. SOUZA, Mauro Wilton (org.). São Paulo, Brasiliense, 1995, p.25.

<sup>10</sup> Segundo Derrida, "a origem, o ponto de partida inicial, é algo inacessível. Trata-se de um lapso, um piparote: mal começou, já mudou; o dia seguinte da festa é semelhante à véspera" [Marcondes Filho, *Introdução ao pensamento de Jacques Derrida*, mimeo.]. Como não há origem, não há sutura entre opostos, como natureza e cultura. O que existe são rastros, indícios nos fazendo reconhecer que algo ou alguma coisa existiu. Aqui não é a presença que comanda, mas seu apagamento, seu simulacro que deixa as pegadas de uma origem que em si nunca pode ser visualizada, pois, o rastro é um vir-a-ser-imotivado: a impossibilidade de restituir totalmente a evidência de uma presença originária.

<sup>11</sup> *As estratégias fatais*. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.